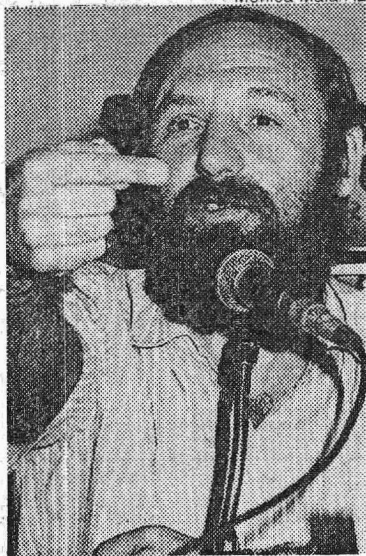


Sindicalistas querem acordo com empresas

Mônica Maia/AE

SANTO ANDRÉ — Os acordos setoriais são a saída para o desemprego e o achatamento dos salários. Esta não é uma decisão formal da Central Única dos Trabalhadores (CUT), mas o discurso que está na boca dos dirigentes e o assunto que ocupa as mesas das assessorias políticas e econômicas dos sindicatos. Após a experiência do setor automotivo, agora é a vez dos químicos partirem para a negociação. "Já propusemos a discussão de um acordo, em níveis nacional e regional, mas os empresários dos segmentos químico, petroquímico e petroleiro não se mostraram receptivos", conta Remígio Todeschini, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC. Todeschini comanda uma base que já teve mais de 50 mil trabalhadores e hoje reúne 43 mil.

O acordo do setor automotivo fez com que o nível de emprego de uma base como a dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo caísse apenas 1% em quatro meses de vigência. Antes do acordo havia caído quase seis pontos percentuais. Foi o estancamento de um processo de enxugamento de efetivos por conta da reestruturação industrial e da crise do mercado interno. O sacrifício foi de 32 mil empregos de março de 1990 a junho deste ano. A base, que era de quase 149 mil empregados, caiu para 117 mil.



Jair Meneguelli

"Não é picada de cobra, que se cura com veneno"

"O presidente Collor deve sair logo e levar junto sua política econômica", afirma o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Vicente Paulo da Silva. Crescimento com distribuição e ainda aprimoramento das relações de trabalho com debates sobre tecnologia e produtividade são as saídas apontadas por Todes-

chini para sair da crise. A atual política econômica, para ele, é um dos motivos que fazem com que as câmaras setoriais não avancem de modo a produzir novos acordos. Ele contou que os empresários do setor químico, além de "pouco arejados", têm receio de comprometer-se diante da retração de seus mercados.

A falta de um entendimento levou os químicos a uma situação de insegurança, facilmente traduzida em números: 3.104 mil demissões de janeiro a julho, numa média de 443 ao mês, somente no ABC. Agosto começou com 94 dispensas efetuadas pela Companhia Brasileira de Cartuchos, 70 pela Rhodia, e 112 provocadas pelo fechamento da Elmo, fábrica de capacetes de fibra de vidro.

O presidente nacional da CUT, Jair Meneguelli, escuta relatos como este por todo o País. "Não vejo como tirar o Brasil da crise aprofundando a própria crise. Economia não é como picada de cobra, que se cura com veneno", compara. (Liliana Pinheiro)